

DOSSIÈ

UMA FRESTA NO ESPAÇO: MAPEAR COM AS INFÂNCIAS E COMO AS INFÂNCIAS

Jader Janer Moreira Lopes¹

RESUMO

Temos aqui um artigo escrito com Torres Altas, Muros Cercados, Cantos Ocultos e por Frestas encontradas. Locais criados que escondem segredos. Segredos de mapas e das cartografias, sobretudo as infantis. É, assim, um texto sobre como os bebês e as crianças, como seres históricos e geográficos, languageiros no mundo e com o mundo, criam e inventam suas formas cartográficas singulares. É um texto orfanato, pois guarda as muitas linguagens humanas, em especial a das infâncias e de seus registros em forma de mapas.

Palavras-chave: Cartografia. Bebês. Crianças. Lógicas infantis. Autorias infantis.

ABSTRACT

Here we have a paper written with Tall Towers, Surrounded Walls, Hidden Corners and found Cracks. Created locations that hide secrets. Secrets of maps and cartographies, especially those for children. It is, therefore, a text about how babies and children, as historical and geographic beings, speakers in the world and with the world, create and invent their unique cartographic forms. It is an orphanage paper, as it contains many human languages, especially those of childhood and their records in the form of maps.

Keywords: Cartography. Babies. Children. Children's logics. Children's authorships.

¹ Graduado em Geografia. Doutor em Educação, com estágio pós-doutoral, na Universität Siegen (Alemanha). Professor dos Programas de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância da UFF (GRUPEGI/CNPq). *E-mail:* jjanergeo@gmail.com.

1. DE VOLTA AO CANTO OCULTO E CHEIROS DE PAISAGENS EM CINZAS

E pensaram como fazer. Organizaram-se para poder levar a cabo o plano traçado nos bicos de penas e nos rascunhos das folhas que sobravam dos trabalhos das Câmaras. Fizeram o mapa do Salão dos Livros. As crianças são sempre exímias mapeadoras e conseguem colocar nos mapas muitas coisas que os adultos não percebem, inclusive os movimentos que deveriam fazer para acessar o local proibido. Muitas linhas ligavam os vários cantos da Instituição, traçados que passavam por vários locais. Letras e números escritos completavam o registro de todo o espaço (Lopes, 2022, p. 217).

Em um texto já publicado (Lopes, 2022), narro a história de um lugar, uma grande construção, onde muros extensos de pedras cercavam todo o local, com um gigantesco portão, preso por correntes (a única passagem que dava acesso ao mundo externo), com um pátio interno e torres altas. Era desses lugares que nem é preciso descrever muito, pois acredito que todas as pessoas já imaginaram ou já viram algo assim! A diferença é que, dentro dessas paredes erguidas, havia muitos adultos, com muitas funções. Por exemplo, tinha o Controlador de Movimentos Externos, o Reparador das Formas Infantis, o Controlador dos Movimentos Internos, o Escolhedor de Livros, entre outros. Além disso, era um lugar só de entrada, de entrada de bebês e crianças que tinham um documento carimbado informando que eram pessoas pequenas, sem pessoas e lugares; por isso, deveriam ficar para sempre ali. Suas vidas em eternidades entre os muros daquele local. Seria o único lugar que conheceriam a vida toda. Afinal, por que conhecer outros? Eram pessoas sem pessoas e sem lugares.

E, se isso já está chamando sua atenção, o que aconteceu, um dia, naquele espaço, talvez seja o mais interessante de toda essa história! É que, naquele local, em uma das torres, havia um Salão dos Livros – e, nele, um Canto Oculto; um canto definitivamente proibido para os bebês e as crianças. Era, inclusive, encerrado por uma porta em forma de grade.

Na verdade, é preciso explicar melhor. O próprio Salão dos Livros era proibido para os bebês, mas as crianças podiam ir para lá e, claro, deveriam estar acompanhadas, “havendo um adulto destinado a isso, o Escolhedor de Livros (função que já foi exposta anteriormente). As crianças, obviamente, só podiam ter acesso aos livros que esse adulto separava para elas.

Mas, como todos sabem, a curiosidade infantil pelo mundo é sem fim. Toda criança tem um grande poder de abstração e de criação; e, por isso, as crianças daquele lugar acabaram organizando um jeito de acessar o Canto Proibido. Como fizeram isso? Uma parte você já leu na epígrafe que abre esta seção do texto: elas fizeram um exímio mapa detalhado do local,

com traçados que só as crianças sabiam entender – e houve mais: junto ao mapa, levaram um bebê.

E foi assim que, em um dia, um bebê se pendurou nas grades da porta do Canto Oculto e, quando foi visto, gerou um grande alvoroço no local: uma infâmia um bebê nesse lugar! Um perigo para os livros! Já pensou nas páginas molhadas? Mordidas? E até amassadas? E até babadas? Foi uma grande correria, e, nessa correria, as crianças conseguiram abrir a porta proibida, encontrando, no Canto Proibido, muitos livros que traziam narrativas de muitas paisagens de outros lugares! Paisagem com tudo que nelas se penduram! Cores diferentes, formas diferentes, cheiros e aromas diferentes, sabores, palavras, gestos, roupas, comidas diferentes... Eram, de fato, paisagens diferentes daquelas na qual viviam encerradas.

Creio que agora já fica claro o porquê da proibição: era um grande perigo elas conhecerem outras paisagens para além daquelas em que viviam. E se isso despertasse a vontade de irem visitar esses lugares? Comerem coisas novas? Sentirem outros cheiros? Não se podia correr esse risco. Bem... O fim dessa história penso que alguns de vocês já imaginam: as crianças foram colocadas no Corredor, um lugar para quem descumpria as regras; ali, não havia janelas, o que as impedia de ver o que acontecia lá fora. A falta de janelas, porém, não as impediu de sentir um cheiro, um cheiro de paisagens queimando no pátio central do lugar. Cinzas sibilavam pelos ares.

Essa era a história que desejei contar para começar este texto. Mas, como todo evento que acontece na vida, nas narrativas não é diferente: há muitas pessoas e situações envolvidas e, quando as enunciamos, quando as contamos para outras pessoas, como é o caso dessa, acabamos omitindo algumas partes – às vezes de forma intencional, às vezes não. É apenas porque não há como contar tudo o que de fato aconteceu, seriam muitas páginas a serem escritas, longos pergaminhos redigidos ou muitas palavras ditas.

Nessa história que acabei de trazer, também não foi diferente: há uma parte não contada, sobre a qual, agora, desejo falar. Essa é a história, mas não é toda a história. É que no Canto Oculto havia, além dos livros de paisagens diferentes, uma fresta, uma Fresta cheia de Mapas. Isso mesmo, era a Fresta de Mapas Infantis.

2. A FRESTA DOS MAPAS INFANTIS E OS MAPAS LEAIS E COMOVENTES

Passa a mão neles, nem sentimos nada. Parece que tudo foi embora. Não gosto dos mapas em que as coisas vão embora. Gosto de mapas em que tudo está lá: as voltas do mundo, do vento, as curvas tortas das ruas, das casas e dos prédios, uma pitada dos sabores e temperos do mundo, do gosto que as coisas têm. Gosto de mapas comoventes. Mas não se aprende mais a fazer mapas comoventes, não se fazem mais mapas que nos co-movem [...] (Lopes, 2017, p. 23).

Como foi anunciado, agora é necessário entrar em uma parte da história não dita. Vamos a ela. No Canto Oculto, enquanto muitas crianças estavam passeando pelas paisagens dos muitos livros, percorrendo palavras e imagens de muitos lugares, algumas visualizaram uma Fresta; com seus corpos pequenos, conseguiram passar por ela e descobriram uma infinidade de mapas enrolados, pendurados em ganchos nas paredes. Estavam todos cuidadosamente guardados e escondidos da vista das pessoas. Mesmo quem olhasse pela grade externa do Canto Oculto não conseguiria visualizar essa fresta, que permitia acessar aquele outro Canto Mais Oculto Ainda no Canto Oculto.

Nesse Canto Mais Oculto Ainda, as crianças começaram a desenrolar os mapas e a encontrar muitos lugares que ali estavam registrados e cuidadosamente desenhados. Pintados elegantemente com muitas cores. Desenhos feitos à mão. Eram de muitos locais do planeta, de cidades, de florestas, de rios e de muitas montanhas, mapas de livros... Eram muitos, muitos mesmo! Mapas cheios de segredos! As crianças iam abrindo, rindo e se divertindo.

Alguém avistou uma mapoteca de madeira bem larga e alta. Sim, era uma mapoteca, e, se você não conhece uma, saiba que elas existem mesmo! São parecidas com armários cheios de gavetas, só que são gavetas finas e largas para que os mapas sejam guardados abertos e esticados. Claro que as crianças ficaram curiosas para saber que mapas havia dentro dela e por que eles estavam separados dos outros mapas. Foi rápido achar um pequeno banco e mais rápido ainda abrir as gavetas.

E qual não foi a grande surpresa quando descobriram que ali havia mapas diferentes dos outros. Havia mapas infantis, isso mesmo, havia mapas feitos pelas crianças. E foram esses mapas que elas demoraram um bom tempo contemplando e sentindo. Eram mapas de nuvens, dos ciclos das poças d'água, dos ciclos das folhas e flores no chão, das formigas andantes, dos túmulos de pássaros, de teias de aranhas, de tesouros escondidos... Mapas de lugares que ainda viriam a existir.

Elas iam colocando-os no chão e podiam vivenciar muitas coisas por meio deles, pois eram mapas leais e comoventes. Como elas ficaram uns longos minutos com esses mapas, podemos fazer uma pequena interrupção em nossa história.

Entre os anos de 2000 e 2003, eu estava envolvido em uma pesquisa² que buscava compreender como as crianças migrantes percebem os espaços que deixam e aqueles aos quais irão chegar. Quais seriam seus enunciados, suas emoções e seus sentimentos sobre esses movimentos espaciais em suas vidas? Entre as estratégias metodológicas possíveis para o desenvolvimento do trabalho, eu havia escolhido fazer rodas de conversas com crianças de uma escola municipal de uma cidade de Minas Gerais. As crianças tinham idades variadas, tendo sido a escolha delas como participantes definida pelo fato de terem vivenciado a condição de migração.

Em uma de nossas conversas, enquanto me relatavam seus deslocamentos, algumas crianças fizeram desenhos. Nesses desenhos, ficou muito clara, para mim, a importância que a escola tinha como referencial espacial nas vidas delas. Era um importante ponto de acolhimento e apoio, lugar de chegada e de encontros, de partilhas de vivências, das ações em suas vidas marcadas pelo movimento. Na escola, as crianças espacializavam suas vidas de forma diferenciada; ali, emergiam outras topogêneses³ (Lopes, 2021; 2024). Elas chegaram a fazer desenhos da escola e dos locais dentro da escola em que mais gostavam de estar, de partilhar suas existências com outras crianças, lugares de alimentos, de trocas, de comemorações e de muitas ações que descontinuavam suas muitas andanças.

Em nossas conversas, as crianças não usavam apenas a palavra “desenho”. Na verdade, esse é um vocábulo que estou trazendo aqui, para este texto, para ilustrar uma situação; mas, desde o primeiro momento em que uma das crianças pegou o papel e alguns lápis de cores variadas, o termo trazido junto foi “mapa”. Lembro-me, como se fosse hoje, o comentário de um dos meninos, que me disse: “Deixa eu fazer um mapa para você ver e entender”. Fazia referência não só ao trajeto de migração que ele percorria, mas às coisas que haviam acontecido nesse deslocamento.

“(...) para você ver e entender”: essas foram as palavras daquela criança. “Fazer um mapa (...)” também foram vocábulos contidos em uma oração

² Essa pesquisa originou minha tese de doutorado intitulada *Então somos “mudanças”: espaço, lugar e territórios de identidade em crianças migrantes*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

³ Topogênese é, para nós, um dos planos genéticos que envolvem o desenvolvimento e as transformações humanas. Interessam-nos as formas geneticamente embrionárias dos processos de vivência dos elementos espaciais, a gênese da criação e da atividade espacial autoral, que, a nosso ver, explicam a formação das estruturas superiores de criação e autoria.

que integrava uma cadeia enunciativa presente no movimento do contexto da pesquisa. E, a partir dessas palavras, gostaria de trazer já dois argumentos sobre os quais me debruço ao falar da cartografia e de seus instrumentos, em especial dos mapas: os mapas são artefatos da cultura e são linguagens presentes nas múltiplas linguagens que as crianças trazem em suas relações com o mundo. Desdobraremos, neste texto, essas palavras. Para isso, vamos nos aportar nos estudos de L. S. Vigotski e nas pesquisas desenvolvidas por seus companheiros de trabalho, que, juntamente dele, viriam a constituir a chamada Teoria Histórico-Cultural. Usaremos como referência também os postulados sistematizados pelo Círculo de Mikhail Bakhtin (em especial Valentin Volóchinov e Pável Medvíédev) e os estudos desenvolvidos por nós, no campo da Geografia da Infância (Lopes; Vasconcelos, 2005).

Vigotski (2004), ao falar do uso de seu método instrumental, afirma:

1. No comportamento do homem surge uma série de dispositivos artificiais dirigidos para o domínio dos próprios processos psíquicos. Por analogia com a técnica, esses dispositivos podem receber, de pleno direito, a denominação convencional de ferramentas e instrumentos psicológicos [...].
3. Os instrumentos psicológicos são criações artificiais; estruturalmente, são dispositivos sociais e não orgânicos ou individuais; destinam-se ao domínio dos processos próprios ou alheios, assim como a técnica se destina ao domínio dos processos da natureza (Vigotski, 2004, p. 92).

E continua:

4. Como exemplo de instrumentos psicológicos e de seus complexos sistemas podem servir a linguagem, as diferentes formas de numeração e cálculo, os dispositivos mnemotécnicos, o simbolismo algébrico, as obras de arte, a escrita, os diagramas, **os mapas**, os desenhos e todos os tipos de signos convencionais etc.
5. Ao inserir-se no processo de comportamento, o instrumento psicológico modifica a forma global, a evolução e as funções psíquicas, e suas propriedades determinam a configuração do novo ato instrumental do mesmo modo que o instrumento técnico modifica o processo de adaptação natural e determina a forma das operações laborais (Vigotski, 2004, p. 93-94, grifo nosso).

Essas afirmações feitas por Vigotski (2004) nos remetem a uma condição de humanização que se desenvolve ao longo da ontogênese – esta deve ser compreendida juntamente, e não apartadamente (como apontam muitas concepções de desenvolvimento) –, das relações que cada um de nós estabelece em nossa relação com o mundo.

Desde o momento em que nascem, nossos bebês já estão imersos em condições sociais nas quais está presente um mundo pleno de linguagens e instrumentos, de artefatos culturais que irão fazer parte de seu processo de transformação. Nenhum ser humano faz uma caminhada desacompanhada no planeta, visto que estamos todos envolvidos em todo um plano social, natural, físico e simbólico, que irá criar metamorfoses na totalidade humana – em sua biologia, em sua cognição, em seu psiquismo, em suas emoções.

Esses processos ocorrem ao longo do plano social e se reelaboram no plano vivencial, colocando cada ser humano na condição de, em si, se constituir como uma fronteira com o mundo em que vive, o qual é marcado pela mistura entre os campos objetivo e subjetivo, entre o social e o cultural, entre o coletivo e o peculiar. Assim, o que é organizado ao longo da filogênese humana tem sua ebulação na sociogênese e, com isso, envolve a própria ontogênese e nossa condição de humanização.

As mudanças ocorridas na história filogenética de nossa espécie, no decorrer da história geológica do planeta, são incorporadas ao plano social (processo chamado “sociogênese”, acima mencionado). As novas gerações se tornam seres originários nesses processos, autóctones nas novidades da cultura (mesmo reconhecendo que o acesso a esses novos elementos ocorre de forma desigual), mediadores de suas relações com o mundo.

A incorporação desses novos componentes transforma a condição de humanização e gesta, ao longo da própria filogênese humana, novas formas de ser e estar no mundo, de existir como ser humano. Tal incorporação não significa – gostaria de marcar de forma explícita esse rompimento, já que é como eu, pelo menos, vejo o assunto – a obtenção de uma condição evolutiva nos sentidos melhorativo ou pejorativo, sentidos esses que semeiam hierarquias entre os povos e os seres; significa, sim, o forjar, em cada ser, de suas diferenças e das peculiaridades constitutivas, nomeadas pelo próprio Vigotski (2004).

Nesse movimento de nascimento, está presente o encontro geracional entre aqueles que já estão e aqueles que chegam. São aqueles que já estão que apresentam o existido, o velho e o novo para os que chegam (eis o meio e a mediação da vivência). Os que chegam reelaboram essa oferta sócio-histórico-geográfica em elementos culturais; nela, além de forjarem suas consciências, suas reflexões e autorreflexões, exercem suas lógicas e autorias, rompendo com os determinismos de um mundo que teima em se repetir infinitamente.

Como é citado pelo próprio Vigotski (2004) na passagem transcrita anteriormente (páginas 93 e 94 de tal obra, com nosso grifo), podemos

elencar um conjunto de artefatos sociais que se tornam culturais – entre eles, os mapas. Os bebês de várias culturas (incluindo a nossa) já nascem em um mundo pleno de mapas, nos quais os elementos cartográficos circulam com intensidade, vez que já existe uma cultura cartográfica que se expressa de muitas formas: nos *folders* de restaurantes e nos folhetos de comidas de ruas e de outros serviços diversos; nas linhas dos mapas de metrôs, espalhadas pelas muitas estações no mundo; nos assentos de ônibus, aviões, cinemas e teatros; nos mapas em livros de literaturas ou de outros gêneros textuais; nas animações infantis; nos jogos eletrônicos; nos celulares; entre outras. Ou seja, já preexiste toda uma cartografia cotidiana, verdadeiros estandartes de informações cartográficas, em que os bebês e as crianças vão sendo inseridos desde cedo.

Assim, não é de se estranhar cenas como as que já presenciei, mais de uma vez, em algumas metrópoles: quando um pai, com um bebê no colo, conversava cartograficamente com ele indicando quais as linhas de metrô iriam pegar e as trocas que fariam para chegar a seu destino; ou, até mesmo, a situação contrária – crianças pequenas ensinando adultos como ler os mapas de metrôs.

O que aprendemos com a Teoria Histórico-Cultural, citada mais anteriormente, é que nossos bebês já nascem em um espaço pleno de elementos em sua paisagem – entre eles, os elementos cartográficos; e que, nessa relação, existe aquilo que Vigotski (2018) nomeou como reelaboração criadora, a qual irá formar a consciência humana. É um processo de gerar formações novas, ou, como o próprio autor chamou, “neoformações”. Nas palavras dele:

[...] nuevo tipo de estructura de la personalidad y su actividad, los cambios psíquicos y sociales que se producen por primera vez en cada edad y determinan, en el aspecto más importante y fundamental, la conciencia del niño, su relación con el medio, su vida interna y externa, todo el curso de su desarrollo en el período dado (Vigotski, 2006, p. 254-255).⁴

Isso significa dizer que as crianças, quando chegam ao espaço escolar (no qual muitas vezes terão contato com uma cartografia escolar, ainda que desconheçam alguns elementos organizados nas tradições cartográficas acadêmicas, técnicas e da própria escola), já são conhecedoras, leitoras

4 [...] novo tipo de estrutura da personalidade e da sua atividade, as mudanças psíquicas e sociais que ocorrem pela primeira vez em cada idade e determinam, no aspecto mais importante e fundamental, a consciência da criança, sua relação com o meio, seu interior e sua vida externa, todo o curso de seu desenvolvimento em um determinado período (tradução nossa).

e produtoras de mapas na cartografia que se tornou hegemônica em nossa sociedade. Elas conhecem as “cartografias do seu jeito” e, com elas, são capazes de se orientar, de se deslocar e, claro, de registrar seus espaços de vidas – sejam eles próximos ou distantes, sejam eles de suas cidades, de suas escolas ou de lugares que ainda irão existir.

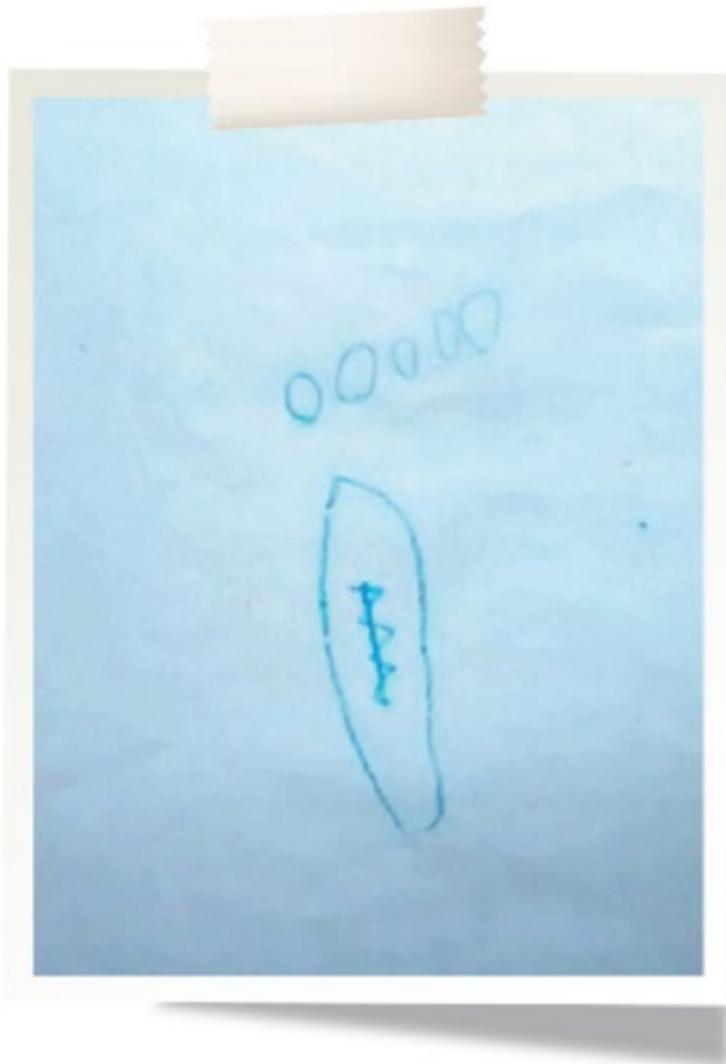
Nesse sentido, o primeiro argumento que envolve a vivência cartográfica é o reconhecimento de que existe uma estreita relação entre os mapas (e demais elementos cartográficos) e as muitas infâncias presentes nos diferentes grupos sociais. Há uma cartografia cotidiana a ser considerada, sobre a qual as crianças já apresentam domínio. Isso pode ser percebido, por exemplo, nos mapas 1, 2, 3 e 4, que aparecerão adiante neste texto e sobre os quais iremos falar a seguir.

Tais mapas foram elaborados em uma pesquisa⁵ que desenvolvemos em uma escola, também pública e também no município de Juiz de Fora (MG)⁶. Nesse trabalho, convidamos as crianças a criarem seus mapas – mas de lugares de suas aspirações, mapas simplesmente da vida. Neles, elas deveriam saborear a linguagem cartográfica do jeito que desejassem, livres! Não é preciso dizer da imensidão de mundos que fomos convidados a conhecer e a, neles, passear. Os registros eram acompanhados de palavras oralizadas, juntando-se em enunciação. Partilho, na sequência, alguns desses registros, para que também possam ser degustados pelo leitor deste artigo.

5 Trata-se da pesquisa “Cartografia com Crianças – A escala das Crianças”, financiada pelo Edital Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) (Edital 01/2014 - Demanda Universal, processo n. CHE –APQ- 402- 14), com apoio também do edital de bolsas de iniciação científica (FAPEMIG/CNPq/PROPESQ-UFJF).

6 A Escola Municipal José Calil Ahouagi aceitou-nos e acolheu, de forma carinhosa, nossa pesquisa. Aqui, precisamos fazer agradecimentos para a direção da escola; para toda a comunidade escolar; para professores e coordenadores; para a Secretaria de Educação do Município de Juiz de Fora, que autorizou, em primeira instância, o desenvolvimento de nossas atividades; e, claro, para as crianças que participaram de tais atividades conosco.

Mapa 1: Mapa da pegada rasgada



"É o pé... são os dedos..".

David, 24 de maio de 2017, 6 anos

Fonte: Lopes (2022).

Mapa 2: Mapa da meia rasgada



"Minha meia rasgada..."

Dhominick, 6 anos, 24 de maio de 2017

Mapa da meia rasgada

Fonte: Lopes (2022).

Mapa 3: Mapa do não sei



"Do não sei..."

Juan, 8 anos, 24 de maio de 2017

Mapa do não sei

Fonte: Lopes (2022).

Mapa 4: Mapa do Tesouro



"O meu eu fiz um mapa... eu fiz o monstro do lago ness, a janela mortal, os pânicos de assalto... porque aí quando que cai uma árvore e não tem saída... aqui é uma lama. Mas é cinza. E aqui é um dinossauro. Aqui é o baú, mas aí aqui sai. Depois dá uma volta e acha a chave para abrir o baú. É mapa do tesouro".

Fonte: Lopes (2022).

Finalizado esse primeiro argumento sobre a vivência cartográfica e seus instrumentos, passemos ao segundo argumento que eu gostaria de desenvolver: trata-se da “Cartografia do seu jeito”, que envolve a condição linguageira do ser humano e, claro, de bebês. Peguemos emprestadas as palavras de Michael Tomasello (2019):

[...] seres humanos desenvolveram uma nova forma de cognição social que favoreceu algumas novas maneiras de aprendizagem cultural, que favoreceram alguns novos processos de sociogênese e evolução cultural cumulativa. Esse resumo resolve nosso problema do tempo porque postula uma, e só uma, adaptação biológica – que poderia ter acontecido em qualquer momento da evolução humana, até mesmo recentemente. Os processos culturais que essa adaptação desencadeou não criaram novas habilidades cognitivas do nada, mas tomaram habilidades cognitivas individuais existentes – como aquelas que a maioria dos primatas possui para lidar com espaço, objetos, ferramentas, quantidades, categorias, relações sociais, comunicação e aprendizagem social – e as transformaram em novas habilidades cognitivas culturais com uma dimensão socioeletiva. Essas transformações não ocorreram no tempo evolucionário, mas, no tempo histórico, em que muito pode acontecer em vários milhões de anos (Tomasello, 2019, p. 8-9).

Eis o sentido de linguagem no qual nos aportamos. Ao nascerem, nossos filhos humanos e filhas humanas já emergem em um mundo de linguagens preexistentes. Isso faz com que entrem em muitas histórias e geografias que já estão em processo de acontecimentos – não são composições lineares, mas, sim, composições em andanças, pausas, eventos e situações do existir, os quais vão se misturando e nos formando, ao mesmo tempo em que formamos o mundo. É um constante movimento de enraizamento, que se difere das concepções tradicionais de internalização. Enraizar-se no mundo significa nutrir-se das linguagens (que unem as materialidades e os signos, resultando em elementos valorados) e formar nossas relações com nossos entornos (seja na escala que for) e conosco mesmos. Ao mesmo tempo, nascemos para o mundo, que passa a se relacionar conosco também de variadas formas. A cognição social à qual se remete Tomasello (2019) é a possibilidade de nos colocarmos em diálogo nessas relações – possibilidade essa que se dá a partir do momento em que nossas próprias histórias e geografias passam a se misturar a outras histórias e geografias. Somos seres de encontros, nos quais se expressam todos os muitos espaços e tempos que nos antecederam, mas também aqueles que, por nossa condição volitiva, ainda virão. O presente é o encontro de interfaces; em muitas delas, nos situamos como enunciadores constantes das muitas redes, dos muitos elos de linguagens que nos aproximam e nos diferem.

Ao apresentarmos, aos bebês e às crianças que chegam, o mundo novo, desconhecido, o novo se torna velho para eles, uma vez que criam rápidas intimidades com esse mundo – intimidades essas que serão, por meio das autorias desses bebês e dessas crianças, reinventadas e recriadas, forjando novas histórias, novas expressões geográficas e, com isso, a possibilidade de um mundo outro.

Assim, a linguagem humana porta uma cadeia de enunciações (Bakhtin, 2003; Volóchinov, 2017). Elas colocam em conversa, em diálogos, muitas vidas – passadas e presentes, mas também aquelas que ainda virão; muitos seres, muitas coisas e tudo o que podemos simbolizar pelas palavras, pelos gestos, pelas expressões faciais, pelos registros, pelas múltiplas formas do dialogismo.

O conceito de diálogo utilizado aqui é a expressão trazida pelo Círculo de Bakhtin. Esse conceito fez questão de romper com a ficção (palavra que é usada pelo próprio Bakhtin (2003)) da existência, em diálogos, de um emissor e de um receptor – ou seja, de “duas” vozes, situadas em polos diversos –, já que as muitas enunciações, as muitas respostas que assumimos em nossas posições axiológicas no mundo estão prenhas das tantas linguagens que carregamos e que os outros carregam de nós. Mesmo em diálogo comigo mesmo, estou em conversa com muitos e muitas, amontoados de existir que cotejam o meu viver. Está aí também a condição de polifonia herdada dos estudos de Fiódor Dostoiévski e das tradições das sátiras das menipeias, que se faziam presentes nas narrativas do mundo grego antigo e vararam os séculos.

Entre os importantes termos criados pelo Círculo de Bakhtin, temos o que Bakhtin chama de parceiros da comunicação verbal (Bakhtin, 2003). Essa expressão aponta para a estreita relação, na constituição da consciência humana, entre as consciências das pessoas; e aponta também para a dialogia que se estabelece entre essas consciências e suas constantes metamorfoses. Desse vocábulo, desdoblamos outro: “parceiros de memórias”, que já foi expresso em um livro anterior de minha autoria e que, agora, eu gostaria de resgatar:

Os parceiros de comunicação verbal são os parceiros de todas as expressões languageiras. Os parceiros de comunicação corporal (o braço adulto que completa o braço infantil para colocar o copo de suco em uma banca), o braço infantil que leva o corpo se abaixar para chegar ao chão e contemplar documentos no cimento do solário, os parceiros de memórias que completam a minha memória, quando algo é esquecido: como se chama aquela pessoa mesmo? Como se chama aquele livro mesmo? Aquela coisa? Essas (e outras) não são apenas perguntas marcadas pelo esquecimento, mas é convocar a memória do outro para ser a minha própria memória (Lopes, 2024, p. 66-7, grifo nosso).

Como seres languageiros, estamos em constantes condições de parcerias. Vamos nos encostando na vida, e a vida, em nós; nesse encontro, estão presentes muitos artefatos culturais – dentre eles, os mapas. As crianças, ao se enraizarem no mundo, aprendem, de forma autoral e a partir de suas lógicas, a tecer as redes enunciativas com esses objetos, o que se constitui como a gênese de suas linguagens. Os mapas passam a ser possíveis formas de se expressar no mundo, numa linguagem que cria e recria esse mundo. Os mapas e demais elementos cartográficos são, assim, linguagens – mas não no sentido tradicional, no binômio emissor-receptor, como já comentado; e sim estando para muito além disso. São enunciações que tornam possíveis não só as ações de ser e estar no mundo, como também de, nele, se encontrar com parceiros de linguagens. Tal concepção pode ser apreendida no mapa a seguir, que recebi como presente de uma criança quando fui acometido por uma enfermidade.

Mapa 5: Mapa para um enfermo



Transcrição do mapa: "Olá tio Jader desejo que você melhore bem rápido e tenha uma vida feliz para sempre. Segue esse caminho e você ficará melhor, mas esse mapa recente ele é do ano de 1921. De Francisco para tio Jader.". Fonte: Acervo pessoal.

Levar em consideração essas concepções de linguagem, parceiros de comunicação e enunciações languageiras significa reconhecer que as expressões cartográficas infantis não devem ser percebidas sob a ótica da falta de elementos tradicionais dos mapas, nem colocadas em um patamar evolutivo inferior (acreditando que só futuramente irão perpassar esse caminho de evolução). Considerar as mencionadas concepções também

significa reconhecer as autorias e singularidades das crianças e dos bebês, bem como suas lógicas próprias de criar registros dos espaços que habitam. Significa entender o mapa como conversa amorosa com outras pessoas, outras coisas, outros seres e eventos.

Com isso, não estou negando a importância de dialogar com outras formas de afigurar o mundo; ao contrário, estou reconhecendo as muitas formas, criadas pelos seres humanos (e não humanos), de fazer essa afiguração – e, nesse sentido, reconhecendo também as escolhas que tais seres fazem quando criam mapas enquanto linguagens próprias e peculiares. Inventar! Fabular cartografias belas! Que não só servem para fazer as guerras (Lacoste, 1988), os domínios dos territórios, as cercas dos espaços, as distâncias, as vendas de paisagens – mas para excogitar o existido como herança.

Para ampliar o que eu disse anteriormente, preciso ir além dos dois argumentos sobre a vivência cartográfica e seus instrumentos – os quais eu havia dito, em um primeiro momento, que desdobraria –, e chegar a um terceiro argumento acerca desse assunto. Há muitos anos, em minhas pesquisas e estudos, venho defendendo a importância de não pensarmos somente uma cartografia para as crianças, mas também pensar uma cartografia com as crianças. O objetivo é que, com isso, possamos fazer justiça às suas existências e acolher amorosamente suas formas de vivenciar o espaço.

Dessa forma, podemos vislumbrar as possibilidades que se abrirão por meio do rompimento com o topoadultocentrismo que tanto tem marcado nosso fazer e nosso viver espaciais com bebês e crianças. Nesse fazer e nesse viver, claro, estão os mapas, que se apresentam como oportunidades. Oportunidades de não reduzir as afigurações dos bebês e das crianças a um mundo de fantasia, que um dia deve ser substituído pelo mundo real do adulto; de não alimentar um desejo de que as crianças cartografem como nós; ou, ainda, de não fazer uma separação cirúrgica entre o afeto, as emoções, o psiquismo e o intelecto, formas pelas quais tipicamente se olha para os mapas infantis. As crianças, ao mapearem o mundo, mobiliaram suas vivências e criam peculiaridades constitutivas para os mapas e as cartografias – peculiaridades essas que, muitas vezes, são (intencionalmente?) esquecidas pelos adultos.

Nos mapas infantis, há uma lealdade com o espaço afigurado, uma posição ética infantil frente ao mundo cartografado; assim, esses mapas trazem elementos que já estão apagados por nossa cegueira adulta. Um pássaro morto, flores, poças d'água, buracos, casas de conhecidos, bonecos de latas, entre outros elementos, são escolhas de referências que aparecem nos traços desses registros – elementos apagados por nós, adultos, mas que estão ao nosso lado.

É por isso que eu gostaria de acrescentar algo mais ao terceiro argumento (pensar numa cartografia para as crianças e com as crianças), indo além das preposições “para” e “com”. Desejo trazer o advérbio “como” para essa proposição... Meu anseio e minha aspiração também são aprender a mapear como os bebês e as crianças o fazem. Assim, se, nesses anos de pesquisas, o vocábulo “com” já tem sido uma das minhas forças argumentativas para pensar uma cartografia outra, desejo ir um pouco mais adiante agora e inserir, nessa reflexão, o como.

Temos de saber a hora de parar e voltar. Creio que chegou esse momento. Agora, é hora de retornar para a história da seção 1, pois as crianças ouviram um barulho e suspeitaram que alguém estava chegando.

3. UM ORFANATO PECULIAR

E, se essa primeira peculiaridade já causava alguma estranheza, a segunda, nem se fala, essa sim, era algo muito diferente: ela tinha um orfanato. Muita gente nem entendia. Em sua vila perguntavam: por que uma criança tem um orfanato? Não deveria ser o contrário? (Lopes, 2024, p. 4).

O barulho assustou as crianças da Fresta. Elas sabiam que alguém estava chegando e logo seriam retiradas dali, mas havia muitos mapas para serem vistos ainda. A preocupação delas aumentou quando ouviram uma voz grossa e quase estridente dizer: “Há crianças na fresta! Elas não podem ver os mapas infantis, há ameaça aos nossos mapas! Crianças inventam mapas e colocam coisas que treinamos para serem esquecidas!”. Uma outra voz concordou: “Sim! Fazer mapas dos ciclos de poças d’água é para adoecer o corpo!”.

Foi um grande alvoroço na Fresta. O que fazer? Não foi que, de repente, alguém achou um mapa da Torre? Um mapa daquela Torre que tinha o Canto e a Fresta. E, mais ainda, não era um mapa feito por adultos, mas por alguma criança que o havia criado e o deixado ali. Um belo mapa, ricamente ilustrado com as linguagens que só as crianças são capazes de criar. Entre elas, havia os movimentos. Logo começaram a olhar o mexter que o mapa tinha. Enquanto isso... Ouviram o barulho de marretas! Marretas sendo batidas na parede para ampliar o caminho para chegar à Fresta, pois os corpos grandes e adultos não passavam por ali. Mesmo que se espremessem, não tinha como. Por isso, as marretas eram necessárias.

Foi olhando os mapas, ouvindo o barulho, que cada vez ficava mais alto, que as crianças perceberam que havia um movimento que ia para uma passagem, outra saída daquele lugar: ela estava escondida exatamente atrás das gavetas da mapoteca. Rapidamente, elas começaram a tirar as gavetas, enrolando os mapas infantis para serem guardados e

lembados; eles não podiam ser esquecidos. Assim que todas as gavetas foram tiradas, as crianças se enfiaram dentro da mapoteca, e a parede de madeira escura do fundo daquele móvel se abriu. Ao ser empurrada, ela dava para um longo corredor e por lá as crianças passaram – não sem antes fechar a “porta/fundo” para a mapoteca voltar ao normal. Desapareceram no corredor. Devem ter sido as primeiras crianças a saírem dali. Mas não há como ter certeza disso.

As marretas finalmente ampliaram a Fresta e pessoas grandes e altas entraram, mas não encontraram as crianças. Havia muitos mapas jogados pelo chão. Procuraram e procuraram, mas não havia mais pessoas além deles naquele local e, mais ainda, os mapas infantis haviam sumido. Ninguém sabia explicar como. Chegaram até a arrastar a mapoteca, mas nada, atrás dela somente a parede da Torre. Nenhuma passagem. Acabaram desistindo e retornaram para retirar as outras crianças do Canto Oculto. Naquela noite, descobriu-se que as cinzas e os cheiros não eram só dos livros queimados, mas também de muitos mapas perigosos que tiveram de ser apagados. Cartografias que se iam, junto com paisagens, com espaços e com tudo que essas geografias expressam.

As crianças desapareceram no longo corredor; correram, carregando os mapas, até que chegaram a uma outra porta. Esta, ao ser aberta, revelou um quarto, um quarto cheio de outros mapas... Mapas de muitas gentes e também mapas infantis. Havia encontrado um Orfanato para Mapas e lá conheceram a menina que o havia criado, permanecendo junto com ela. Estão lá até hoje, guardando os mistérios dos mapas bebezeiros e crianceiros, tão diferentes dos mapas adultos. De lá, contam, em sussurros, não sabemos como, para as outras crianças do mundo, os segredos de se fazerem mapas como bebês e como crianças.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LACOSTE, Y. *A geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- LOPES, J. *O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados*. Juiz de Fora, 2017. E-book. Disponível em: <https://ocolecionadordebotoes.blogspot.com/2017/11/texto-integral-em-pdf.html>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- LOPES, J. O canto oculto: um conto sobre as crianças em pôr-se! In: FERREIRA, R; MICARELLO, H. *Conhecimentos em cadeias dialógicas de enunciados: linguagem, infâncias e educação*as produções de um grupo de pesquisa em Ciências Humanas. São Paulo:Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/conhecimento-cadeias/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

- LOPES, J. *Antonela e seu fabuloso orfanato para mapas esquecidos ou quase extintos*. Juiz de Fora, 2024.
- LOPES, J; PAULA, S. *Mapa do Não Sei* - narrativas das crianças sobre os mapas: um livro para os que desejam ser bocós. Juiz de Fora, 2020.
- LOPES, J; VASCONCELLOS, T. *Geografia da Infância*: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos. Juiz de Fora: FEME, 2005.
- LOPES, J. *Terreno Baldio* – um livro para balbuciar e criançar os espaços para desacostumar geografias, por uma teoria sobre a espacialização da vida de bebês e crianças. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.
- LOPES, J. *Atrás da Porta. Vivências Espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2024.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- VIGOTSKI, L. S. *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.